

## **Lula e o câncer: entre mitologias e midiatisações<sup>1</sup>**

Carolina Cavalcanti FALCÃO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, PE

### **RESUMO**

As narrativas mitológicas podem ser encontradas nos filmes, romances e até mesmo em notícias. Em todos esses casos, há a utilização dessa estrutura de grande poder simbólico para contar histórias que se repetem ao longo da própria História. Ao mesmo tempo, vê-se emergir os processos de midiatisação da informação, de modo que muito mais do que mediar um conhecimento ou acontecimento, a estrutura da mídia se configura na nova lógica de produção, circulação e disponibilização desses conteúdos. Nessa perspectiva, pretende-se situar a cobertura da doença de Lula a partir desses dois referenciais, a fim de que se possa compreender como um paradigma mitológico se constitui em narrativa válida para a experiência do câncer além de propiciar espaço para um potencial de midiatisação dessa mesma história.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativas mitológicas; midiatisação; mediação; câncer; comunicação.

### **Introdução**

Uma pessoa comum, vivendo uma vida normal depara-se com uma situação inusitada. Esta situação engendra uma série de fatos que vão se desenrolando como verdadeiras provações, obstáculos que exigem dessa pessoa características como força, coragem e disciplina (valores que até então ela julgava não ter). Esses fatos, normalmente associados ao sofrimento e à dor, levam a um amadurecimento sobre a vida. Ao superar os desafios impostos nessa história, esta pessoa se vê diferente. Muita gente está disposta a ouvir o que ela tem para contar. Essa experiência, aquilo que foi vivido de forma tão intensa e transformadora serve como um exemplo.

A história que acabou de ser contada é fictícia no sentido de não se referir a nenhuma pessoa em específico. No entanto, pode-se dizer também que se trata de uma história universal, pois se aplica à vida de qualquer pessoa que passou por uma situação de transformação, uma iniciação. Esse é o entendimento do antropólogo americano Joseph Campbell, reconhecido pesquisador das religiões. Campbell (1997) argumenta que a jornada do herói, ou o *monomito*, é uma história universal, que se fez presente desde os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especialista em Gestão Pública (IFPE), Jornalista pela UFPE. E-mail: [carolfalcao00@hotmail.com](mailto:carolfalcao00@hotmail.com).

tempos primordiais até a contemporaneidade. A função do monomito é narrar um momento fundamental na vida do ser humano: o de sua transformação, do seu amadurecimento. Segundo Campbell (1997), na Antiguidade, esse momento se concretizava quando os jovens meninos cumpriam seus rituais de iniciação.

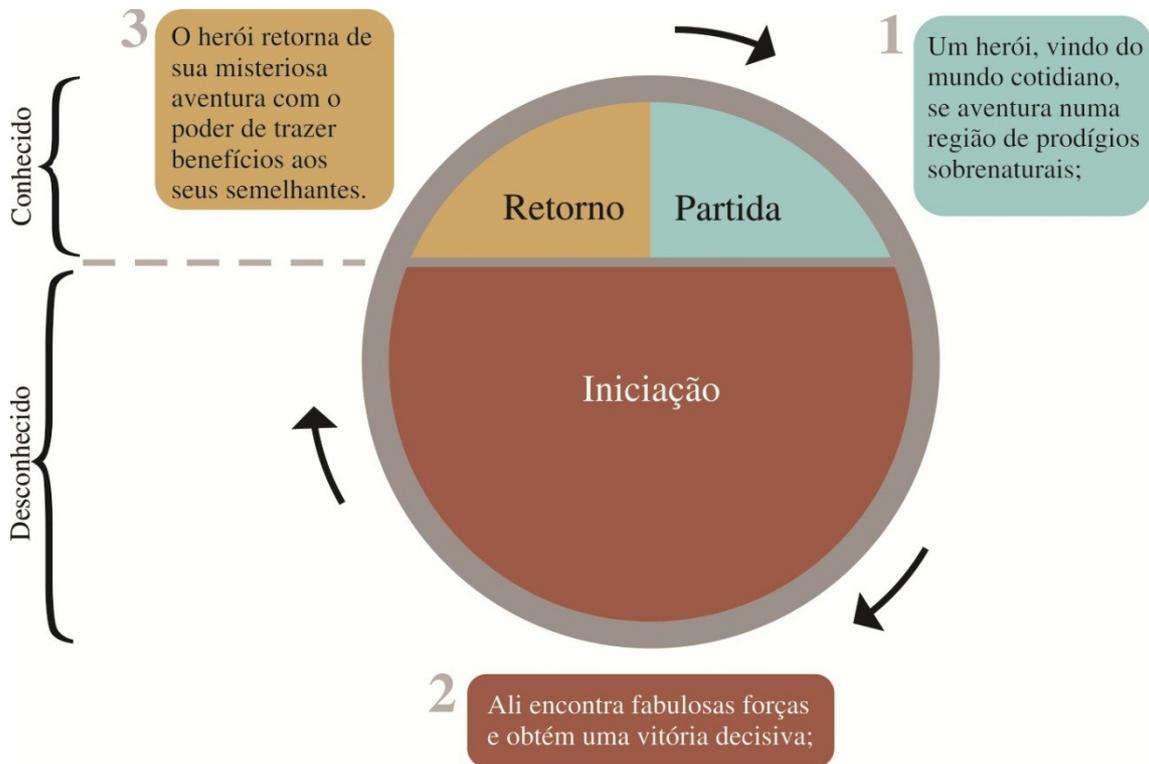
Os chamados ritos (ou rituais) de passagem, que ocupam um lugar tão proeminente na vida de uma sociedade primitiva [...] têm como características a prática de exercícios formais de rompimento normalmente bastante rigorosos, por meio dos quais a mente é afastada de maneira radical das atitudes, vínculos e padrões de vida típicos do estágio que ficou pra trás. Segue-se a esses exercícios um intervalo de isolamento mais ou menos prolongado [...] que quando finalmente tiver chegado o momento de seu retorno ao mundo normal, o iniciado esteja tão bem como se tivesse renascido. (CAMPBELL, 1997, p 9)

Contribuíram para a teoria de Campbell (1997), que fez pesquisas nas diversas lendas, histórias e mitologias das religiões orientais, os estudos de Carl Van Jung sobre arquétipos enquanto “imagens primordiais”. Para Jung, citado por Campbell (1997), essas imagens se repetiriam de tal maneira constante e regular através de gerações que criam tendência à estrutura que sustenta o arquétipo. No caso do herói, trata-se de uma figura ambígua, que conjuga duas facetas opostas: uma do mundo ordinário, normal e outra, de um mundo do desconhecido, encantado. Temos, portanto, uma questão fundamental sobre o herói: ele não nasce pronto. O herói se constitui a partir do empreendimento de sua jornada, a partir da coexistência, em sua experiência, de dois mundos opostos. Assim, a ideia de herói aqui levantada e que servirá como base para todo o trabalho não se estabelece a partir de questões como triunfo (o herói como aquele que triunfa) ou caráter (o herói como alguém essencialmente bom), mas sim em termos de empreendimento de uma trajetória, uma aventura que acarreta numa transmutação.

Essa ideia de mudança também se confirma em Edouard Delreuelle (2004). Ao abordar as metamorfoses enquanto processos de subjetivação recorrentes no desenrolar da História, o autor ressalta o papel da iniciação como um dos constituintes do sujeito nas sociedades tradicionais. Para ele, a iniciação é uma espécie de “segundo nascimento, já não físico, mas simbólico, no termo do qual o indivíduo conquista, verdadeiramente, o estatuto de sujeito” (p.33).

Segundo Campbell (1997), a jornada do herói está dividida em três estágios: partida-iniciação e retorno. Em cada um deles, ações e personagens se inserem de modo que possam contribuir para transformação do sujeito em herói. Assim, a jornada é uma estrutura circular, em que o herói retorna ao ponto de partida, depois de passar por aventuras que

exigem dele determinação e coragem. Abaixo, um esquema visual de como a jornada do herói se configura em termos de modelo.



O começo da jornada (a partida) geralmente se dá a partir de um mero acaso, uma situação simples que virá a resultar num mundo insuspeito, que levam o herói (que ainda não se reconhece como tal) a entrar numa relação de forças que não são plenamente reconhecidas. É nessa fase, após uma escolha feita conscientemente, que o personagem deixa o ambiente seguro (o lar, a família, o mundo “normal”) rumo ao inseguro, ao desconhecido. Na segunda fase (iniciação), acontecem as privações. Neste momento, o herói ao passar por todo o tipo de prova (tentações, dores etc) ele começa a assimilar a sua condição, compreende-la. Como atesta Campbell (1997): “o herói é aquele que aprende” (p.17). É nessa fase também que o herói simbolicamente morre, para voltar com um legado, uma mensagem a ser distribuída em seu mundo de origem. Por fim, temos o retorno. Nessa fase, de encerramento do ciclo do *monomito*, o herói inicia o trabalho de trazer de volta os símbolos da sabedoria, da aventura.

A jornada se insere, portanto, no campo dos rituais. Mas os rituais, no entanto, perderam força, deixando de representar uma realidade profunda para se tornarem formalidades, na atualidade (MOYERS, 1990). Porém, se enquanto forma de subjetivação, de constituição do sujeito, os rituais de iniciação perderam força, enquanto narrativa, eles se

fazem presentes. As narrativas se perpetuaram ao longo da história do homem, sobretudo, por se constituir num dos mecanismos básicos para a compreensão do mundo. Esse entendimento, defendido por Janet Murray (2003), dá conta da narrativa como a catalizadora de laços fortes de união entre pessoas, grupos e a própria humanidade. Contar essas histórias de amor, de heróis ou de triunfos é algo tão legítimo para o homem contemporâneo, em frente à TV, quanto para os vários grupos que se reuniam em torno da fogueira. Para a autora, “Nós nos compreendemos mutuamente através dessas histórias e, muitas vezes, vivemos ou morremos pela força que elas possuem” (p.39).

### **O monomito e o contemporâneo**

O *monomito* enquanto narrativa é recorrente na contemporaneidade. Roland Barthes (1972) defende que existem vários suportes para a fala mítica. Dentre eles, está o cinema. A pertinência da jornada do herói para a sétima arte é tão relevante que, nos anos 1980, Christopher Vogler, um roteirista da *Walt Disney*, adaptou a jornada do herói como um padrão para contar histórias. Assim, foi publicado um pequeno memorando, de sete páginas, intitulado “Guia prático de ‘O Herói de Mil Faces’”, que analisava a estrutura de filmes clássicos e da época. A estrutura que Campbell havia mapeado era tão significativa que, alguns anos mais tarde, o documento de Vogler ganhou mais volume e foi publicado como livro sob o título “*The writer’s journey*”.

Entendendo a notícia como mais uma modalidade de narrativa, pode-se, portanto, estabelecê-la como ritualística e orientadora de comportamentos. Ritualística porque se enquadra “num ritmo moderno do mundo da vida e se incorporou à cotidianidade, se agregou ao ciclo cronológico do homem” (MOTTA, 2002, p 13). Orientadora de comportamentos, no sentido de delinear as fronteiras, entre o bom e o mal, passado e futuro, belo e feio. Dessa forma, concordamos com Motta (2002), quando afirma que as notícias invadem regularmente o terreno do mito. “Interpretadas simbolicamente, as notícias se revelam como histórias, se mostram como fábulas da vida moderna” (MOTTA, 2002, p 13). Outra similaridade da notícia com o mito está no padrão de repetição, ou recorrência regular de conteúdos. Assim como existem assuntos (crimes, corrupção, vitórias, derrotas etc) que se fazem recorrentemente presentes nas notícias, com o intuito de sedimentar padrões culturais, o mito também precisa ser narrado repetidas vezes para que seja assimilado.

Ainda de acordo com Motta (2012), quando este argumenta que apesar do paradigma da imparcialidade (característica de uma sociedade racionalista), persistem “as

imagens dos sonhos e das fantasias do homem, que nunca conseguirá, por mais tecno, mais moderno, ou mais pós-moderno que seja, eliminar a sua imaginação mais profunda, o seu inconsciente, os seus mitos” (p 6). Também contribui para esse entendimento, o estudo de Barros Filho (2008) no campo específico do jornalismo, ao falar de uma objetividade aparente, cuja principal função seria, de modo resumido, exibir publicamente algo que se sentia de forma confusa, dispersa. A imparcialidade e objetividade de que tratam os manuais de redação, alerta o autor, ainda permanecem como a base da prática jornalística. Para ele, “O axioma da objetividade ainda é, de longe, o paradigma dominante da atividade profissional do jornalismo contemporâneo” (BARROS FILHO, 2008, p. 19). Temos, então, mais um pressuposto que orienta este trabalho: o jornalismo equilibra duas forças contraditórias entre si: uma da ordem da objetividade e outra da subjetividade. De um lado, a lógica e a racionalidade; do outro o suporte para a narração recorrente dos dramas e tragédias humanas.

A partir dessas considerações, nosso objetivo é entender como a cobertura da enfermidade de Lula se constitui numa narrativa prioritariamente mitológica, que tem o *monomito* como referência. A ideia é localizar a cobertura do caso na própria estrutura do monomito e realizar, a partir daí, algumas considerações sobre características de mediação e midiaticização da doença.

### **Câncer: uma breve história**

Os primeiros diagnósticos da doença datam do Egito pré-Cristão. Apesar disso, é possível afirmar que o câncer é uma enfermidade recente, sendo somente diagnosticada enquanto tal a partir do século XIX, quando do aumento da expectativa de vida da população. No Brasil, os primeiros estudos sobre a frequência do câncer data do início do séculos XX. Naquele tempo, era bastante comum a existência de instituições de filantropia para o cuidado e tratamento de pacientes com a doença. Pesquisa sobre a história do Instituto Nacional do Câncer (TEIXEIRA & FONSECA, 2007) trabalha com a expectativa de que, somente em 2012, sejam registrados 581.510 novos casos da doença.

Muitas informações contribuem para entender ou mesmo traçar um perfil sobre o câncer. No entanto, interessa para este trabalho a noção de doença mais do que um acontecimento fisiológico e sim uma construção social. Ou seja, algo que marca um indivíduo, subjetivando-o, atribuindo-lhe uma identidade. Segundo TRONCA (2002), a doença mistura aspectos da linguagem e da cultura, formando um “mosaico de representações sociais”. Dessa forma, parece bastante oportuna a colocação de Susan

Sontag (2004) no que se refere à doença como uma cidadania menos onerosa. Para ela, ao ser diagnosticado com câncer o paciente passa, imediatamente a conviver com metáforas e sentidos de cunho moralista, que se impõem a enfermidade.

Em 28 de outubro de 2011, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu o diagnóstico positivo para um câncer de laringe. O assunto caiu no conhecimento da sociedade e as reações foram as mais diversificadas. Nas mídias sociais, internautas se dividiam entre os que defendiam que o ex-presidente deveria fazer seu tratamento no Sistema Único de Saúde (SUS) e os que torciam pela sua plena recuperação. Na imprensa, o assunto virou capa de todas as revistas semanais, trazendo informações completas sobre o caso: desde o estágio em que se encontrava o tumor e o conseqüente tratamento até o modo como a doença havia sido comunicada à família e amigos. Também foi disponibilizado no Internet um vídeo de pouco mais de dois minutos, no qual o presidente agradecia o apoio manifestado pelo povo brasileiro e no qual afirmava a sua confiança na recuperação.

### **Mediatizações e novas formas de entender a doença**

Estabelecendo um paralelo entre a doença e morte do ex-presidente Tancredo Neves e a doença de Lula, Fausto Neto (2012) levanta uma questão importante. Enquanto que no primeiro caso tratava-se de um acontecimento mediado dentro da sociedade dos meios, o segundo é um acontecimento no contexto da “sociedade em mediatização”. Na doença e morte de Tancredo Neves, “os mídias, suas operações e seus experts aparecem como instâncias INTERMEDIÁRIAS entre as diferentes práticas dos campos sociais” (p.299). Nessa configuração, os meios agem como espelhos através dos quais a sociedade se comunica e se vê refletida, demarcando uma fronteira entre o real e a reprodução. No contexto em que se desenrola o caso de Lula, a lógica e operação dos meios interferem no funcionamento das instituições (nesse caso, a medicina) e suas práticas. Assim, argumenta o autor, a mudança nessas estruturas e suas práticas produzem “transformações que misturam diferentes práticas sociais, ou então fazem com que se apropriem de lógicas e operações midiáticas, cujas transversalidades repercutem nas interações sociais” (p. 300).

Ainda no sentido de elucidar melhor o entendimento sobre mediatização, Martino (2012) explica o termo como a influência da lógica e do formato dos meios no processo de comunicação. Para ele, trata-se de um conceito que destaca a

“presença ubíqua das mídias, não apenas como transmissores de mensagens, mas como dispositivos de produção de sentidos disseminados pela sociedade, em suas

diversas mediações sociais, configurando-se como uma das referências às práticas cotidianas” (p. 222).

Considerações sobre doença e morte de pessoas públicas e celebridades são recorrentes nos estudos sobre a mídia. No âmbito internacional, pode-se falar do estudo de Goggin e Newell (2004) sobre fama, limitações e deficiências físicas. Nesse aspecto, o trabalho sobre a maneira como o ator Christopher Reeve<sup>3</sup> configurou uma nova posição de celebridade após o acidente que o deixou tetraplégico se destaca.

“O que é característico e especialmente poderoso nessa instância da fama e da deficiência é como a autenticidade se processa, através do corpo da celebridade Reeve; como a sua santidade sobrenatural é recebida pelos fãs e admiradores com paixão, pathos, prazer; e como esse processo coloca as pessoas com deficiência física num lugar de opressão social, do qual são objetos” (Goggin & Newell, 2004).

No Brasil, o pesquisador Antônio Fausto Neto traz contribuições bastante relevantes. Além do já citado estudo sobre a morte do ex-presidente Tancredo Neves, Fausto Neto publicou o livro “Mortes em Derrapagem”, no qual faz uma análise de como a mídia tratou os casos Corona<sup>4</sup> e Cazuza<sup>5</sup>, celebridades brasileiras que morreram vítimas da AIDS. Nesse trabalho, Fausto Neto (1991) levanta a questão da recusa da morte (entendendo-a como um acontecimento discursivo) como uma condição própria do homem moderno. Especialmente a morte dos olímpianos<sup>6</sup> reforça essa noção. Segundo ele, “é impossível supor, mesmo reconhecer sua [das celebridades] capitulação diante desta terminalidade. E por não admiti-la para estes, a quem atribuem a imortalidade, os diversos sistemas de representação dos processos imaginários tratam, ao seu modo, de construir maneiras de se desviar desta questão” (p. 20).

No trabalho, o autor argumenta que não havia, no primeiro caso, uma fala direta sobre a verdadeira doença e o real estado de saúde do ator. Fausto Neto fala de uma “semiologia clínica da mídia”, composta por declarações do paciente e de fontes anônimas, de pressuposições, inferências, comparações e por localidades capazes de gerar associações

<sup>3</sup> Christopher Reeve interpretou o Super-Homem, numa série de quatro filmes (1978, 1980 e 1983). Sofreu um acidente de cavalo em 1995 que o deixou tetraplégico. A partir de então, liderou campanhas a favor do uso de células-tronco em pesquisas científicas. Reeve morreu em 2004, aos 48 anos vítima de infarto.

<sup>4</sup> Lauro Corona, ator brasileiro famoso nos anos 1980, morreu em 20 de julho de 1989.

<sup>5</sup> Cazuza, músico brasileiro líder da banda de rock Barão Vermelho, morreu em 07 de julho de 1990.

<sup>6</sup> Usaremos o termo olímpianos com sinônimo de celebridades ou pessoas públicas.

com a AIDS (comportamentos, sintomas, medicamentos etc). É importante ressaltar que o episódio se desenrolou num momento em que não havia um esclarecimento sobre a AIDS e a doença, carregada de estigmas, estava fortemente associada aos chamados grupos de riscos<sup>7</sup>. No entendimento do pesquisador, é como se a mídia e aqueles que representavam o paciente (poucas vezes Corona se dispôs a falar de seu estado de saúde) não tivessem estabelecido um pacto sobre o acompanhamento do caso. Ficando a cargo da mídia, o papel de construir o funeral público do artista.

Com Cazusa, as mediações se deram de forma diferente. Fausto Neto (1991) registra uma espécie de aliança para executar o cerimonial público da morte do cantor. Se no caso Corona, pôde-se falar em uma semiologia de ordem especulativa (“será que ele tem Aids?”), a disputa de sentido no caso do cantor se dava no campo da nomeação (luta? Agonia? Show? Morte?). Ao tornar pública a sua doença, Cazusa se torna uma vedete da cultura de massa, alguém que não conhece a finitude da vida. Entram em cena as metáforas da morte (descanso, fim do show, sair de cena etc) como o intuito de recusar a finitude.

A partir dessas considerações, é possível estabelecer os seguintes referenciais para as questões da doença e da morte de olímpianos em contextos de mediação e de midiaticização.

Tabela 1 - Medições e Midiaticizações

Mediação	Midiaticização
<ul style="list-style-type: none"><li>• Estruturação da mídia a partir das demandas e características do campo de saber (medicina)</li><li>• Mediação como papel explicativo</li><li>• Presença de um porta-voz que “afunila” o fluxo do conhecimento</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O campo de saber (medicina) se configura a partir da lógica e da estrutura midiática de produção</li><li>• Tecnologias convertidas em meios: o acontecimento depende cada vez menos de uma decisão soberana</li><li>• Teia de nós e relações que complexificam a atuação dos atores sociais e instituições</li></ul>

Dessa forma, podemos situar o câncer de Lula a partir de três referenciais: a narrativa mitológica do monomito e os processos de mediação e midiaticização da doença. Pretendemos identificar como a mídia construiu o caso a partir da jornada do herói e, a partir dessa estruturam identificar processos de mediação e midiaticização do caso.

<sup>7</sup> Termo utilizado para demarcar a suscetibilidade de determinadas pessoas à incidência de doenças. No caso da AIDS, no momento em que foi realizado o referido trabalho, era considerados grupos de risco: homossexuais, consumidores de drogas e prostitutas. Hoje, o termo não é mais utilizado.

## Jornada de Lula e seu potencial de mediação e midiaticização

Tomaremos como o primeiro estágio da jornada (a partida) a data da primeira publicação semanal que traz na capa o assunto. Trata-se da revista *Época* (Edição 703, 07.11.2011), seguida pelas edições de *Veja* (edição 2242, de 09.11.2011) e *Istoé* (Edição 2191, 09.11.2011). Como já foi visto na explanação sobre o monomito, a jornada se inicia quando o herói (ainda não reconhecido como tal) se depara com uma situação inusitada, aparentemente simples e ordinária. Esse acontecimento é o detonador da aventura e que vai introduzir o personagem num mundo desconhecido. É interessante notar como o relato das três revistas trata da enfermidade do ex-presidente com metáforas militares. Fausto Neto (2012) ressalta também como as três publicações enfocam um aspecto interessante da luta ou batalha de Lula contra a doença. As três querem mostrar ao público os bastidores, “o que está por trás do palco” do tratamento do ex-presidente. O autor explica: “Ao apontar os ‘bastidores da luta’ enfatizam a singularidade das próprias estratégias midiáticas, cujas operações enunciativas cuidam de um aspecto da cobertura – os ‘bastidores’ – os quais somente poderiam ser mostrados ou descritos pela mediação jornalística” (p. 304).

Tabela 2 - Capas de revistas semanais referentes à fase (partida)

Revista/Edição	Chamada de capa
 Veja/2242	Os <i>bastidores</i> da luta de Lula contra o câncer
 Istoé/2191	A grande batalha de Lula. A comoção popular e os <i>bastidores</i> da luta do ex-presidente contra o câncer
 Época/703	O SUS e o preconceito. <i>ÉPOCA investiga</i> o sistema político de saúde e <i>revela</i> – em alguns hospitais – ele funciona melhor do que sugerem as baixarias contra Lula.

No vídeo disponibilizado na Internet no dia 1.11.2011, o ex-presidente agradece o apoio recebido e, ao lado da esposa, Dona Marisa, fala da sua certeza de que será curado. Não há entrevista coletiva, nem porta-vozes para repassar as informações, que não se instituem num campo de conhecimento específico. Todo o conteúdo é baseado em mensagens de otimismo e de reafirmação do tratamento da doença como uma batalha.

A segunda etapa (a iniciação) é a mais longa da jornada. No se trabalho de estruturação do monomito, Campbell percebeu que as cenas e histórias que se desenrolavam nesse estágio eram sempre noturnas e como muitos obstáculos. É nessa fase que o herói precisa fazer sacrifícios e, como já foi dito, realiza o retiro espiritual necessário para sua morte e conseqüente renascimento como um novo ser. Identificamos a fase da iniciação com a do tratamento propriamente dito da doença. Nesse estágio, que também é o mais longo da cobertura da doença de Lula, as informações chegam à sociedade através de boletins médicos, da assessoria do ex-presidente e de entrevistas com a equipe médica do hospital. Não há bastidores ou depoimentos de Lula (não falar, inclusive, é um dos requisitos do tratamento) e as informações são mediadas. Nesse contexto, percebemos que o processo de mediação se faz presente. Abaixo, alguns exemplos extraídos de portais de notícias:

Tabela 3 - Amostras da cobertura na fase 02 (iniciação)

Portal/data	Título da matéria
G1 Política/ 01.11.2011	Lula saiu da química otimista, com voz melhor e sem náuseas, <i>diz médico</i> . (grifo meu)
R7-Brasil/08.02.2012	<i>Assessoria de Lula nega cura do câncer e classifica “boatos” de “irresponsáveis”</i> (grifo meu)
Portal Veja/ 05.03.2012	Tratamento de Lula contra pneumonia vai durar 14 dias. <i>De acordo com oncologista Artur Katz, Lula foi submetido neste domingo a uma tomografia que não detectou a presença de tumor na laringe</i> (grifo meu)

Por fim, temos o retorno, estágio em que o herói, depois de cumpridos os ritos de transformação, volta para seu mundo. Segundo o monomito, é nessa fase em que o herói traz suas experiências e conquistas para serem apreciadas, passando, assim a ocupar um lugar de destaque no seu grupo. Em 30 de março de 2012, a equipe médica que acompanhou o ex-presidente em seu tratamento anunciou a cura do câncer. Nessa fase,

mantêm-se alguns aspectos de mediação. Sobretudo porque quem anuncia a cura de Lula é a equipe que o tratou. Porém, outro vídeo é divulgado e nele, é o ex-presidente quem fala da sua cura e anuncia a volta à política. Uma volta com outra postura diante da vida: “Eu agora volto para minha militância política com muito mais cuidado, muito mais maduro, muito mais calejado. Pensando em primeiro lugar em cuidar da saúde”.

### **Considerações Finais**

Comumente associado ao arcaico, os mitos também se fazem presentes na vida moderna. No rol de figuras mitológicas que povoam as narrativas que são contadas e recontadas em vários suportes (entre eles a mídia), está a do herói. Sua principal característica não está associada a um perfil específico ou a um atributo que o engradeça. O herói é aquele que cumpre um rito de transformação, que nas sociedades antigas eram caracterizados por um rompimento rigoroso, não só a vida consciente mas também da inconsciente.

Neste trabalho, propusemos a ideia de que a experiência de um paciente com câncer é narrativamente semelhante ao que Campbell expôs como a “Jornada do Herói”, em que a trajetória de transformação se estruturaria circularmente em três fases: partida, iniciação e retorno. A cobertura da mídia para o caso do ex-presidente Lula durante o tratamento contra um câncer de laringe propiciou a análise dessa narrativa que se posicionava não só em relação à mitologia, como também em relação a processos de mediação e midiaticização.

Pôde-se perceber que na fase inicial da cobertura (a partida), o potencial de midiaticização é significativo. Por outro lado, durante a fase mais longa do tratamento (a iniciação) é o potencial de mediação que vem à tona, revivendo um modelo de acompanhamento da doença com a mídia como um intermediário entre o acontecimento e a realidade. Por fim, a fase do retorno, em que o ex-presidente anuncia cura e o retorno à vida política. Nessa fase, os dois processos coexistem, gerando informações e acionando atores sociais e instituições distintas.

### **Referências**

- BARROS FILHO**, Clóvis de. *Ética na comunicação*. São Paulo: Summus, 2008.
- BARTHES**, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel (1972).
- CAMPBELL**, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- DELREUELLE**, Edouard. *Metamorfoses do Sujeito*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

**FAUSTO NETO**, Luiz. Mdiatizações da enfermidade de Lula – sentidos em circulação em torno de um corpo significante. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). *Mediação & Mdiatizações*. Salvador – Brasília: EDUFBA-COMPÓS, 2012.

**FAUSTO NETO**, Luiz. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. 1991.

**GOGGIN**, Gerald; **NEWELL**, Christopher. *Fame and disability: Cristopher Reeve, Super Crips and Infamous Celebrity*. M/C Journal 7.5 (2004), Acessado em 01 de maio de 2012 em < <http://journal.media-culture.org.au/0411/02-goggin.php>>.

**MARTINO**, Luis Mauro Sá. Mediações e mdiatização da religião – um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). *Mediação & Mdiatizações*. Salvador – Brasília: EDUFBA-COMPÓS, 2012.

**MOTTA**, Luiz Gonzaga. *A psicanálise do texto: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea*. In: 9º. Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2000, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Compós, p. 1-11, 2000.

**MOTTA**, Luiz Gonzaga. *Para uma antropologia da notícia*. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, Vol XXV, no. 2, julho/dezembro de 2002, pags 11-41.

**MOYERS**, Bill. *O Poder do Mito - Entrevista com Joseph Campbell*. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.

**MURRAY**, Janet. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Editora UNESP/Itau, 2003.

**SONTAG**, Susan. *A doença e suas metáforas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

**TEXEIRA**, Luiz Antônio; **FONSECA**, Cristina M. O. *De doença desconhecida a problema de saúde pública: o INCA e o controle do câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2007.

**TRONCA**, Ítalo. Foucault e a linguagem delirante de memória. In: RAGO, Margareth; LACERDA, Orlandi; NETO-VEIGA, Alfredo (Orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschenianas*, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.